

Gigante Leo

# Risadaria sem

Leonardo Núñez de Miranda Reis, 33 anos, 1,10 m de altura, ator de *stand-up comedy*, mais conhecido como Gigante Leo, tem uma frase em que define bem a situação de pessoas como ele: “Todos somos iguais, apenas temos dificuldades diferentes.” Nascido no Rio de Janeiro, ele se diz um carioca autêntico, tendo crescido (afinal, nem tanto assim) e vivido a maior parte de sua vida no bairro do Méier. Nos últimos anos, o ator tem ganhado destaque ao lado de outras referências no *stand-up comedy*. No ano passado, sagrou-se campeão da regional Sudeste II e vice-campeão geral do 1º Campeonato Brasileiro de *Stand-up Comedy* ou Festival Risadaria, o maior evento do humor da América Latina. Gigante Leo já dividiu o palco com humoristas consagrados, como Leandro Hassum, no espetáculo “Lente de Aumento”, Fábio Porchat, Marcos Veras e Sérgio Malandro. Em São Paulo, participou do “Comedians Comedy Club”, “Comédia ao Vivo”, “Café com Bobagem” e também no

programa “Pânico”, da Rádio Jovem Pan FM. Na televisão, participou do Domingão do Faustão, Programa do Jô, além de várias apresentações em “Os Caras de Pau”, da emissora global. Também se apresentou no programa “A Praça é Nossa”, do SBT, no quadro “Maratona do Humor”; no “Tudo é Possível”, da TV Record; e no quadro “Mesa Vermelha”, do programa “Agora é Tarde” – Especial de Natal, da Band.

## Quando percebeu que poderia enveredar pelo caminho artístico?

Eu sempre fiz teatro amador, desde os 9 anos de idade. Sempre fui apaixonado por artes, em especial pelo teatro e cinema. Meu primeiro papel foi na peça “O Rapto das Cebolinhas”, de Maria Clara Machado. Nunca parei de atuar. No teatro, gostava das peças cômicas; cheguei a participar do espetáculo “O Avarento”, de Molière. O envolvimento com *stand-up* é mais recente; tem cerca de um ano e meio.

## O fato de ser anão trouxe algum benefício à sua carreira?

Não trouxe benefício, nem malefício. É obvio que em um primeiro instante desperta curiosidade nas pessoas. Mas curiosidade é algo que dura pouco. É preciso ter um trabalho consistente para permanecer em atividade.

## Como surgiu a ideia de escrever *O Grande Livro dos Anões*?

Surgiu por causa do Risadaria, um dos maiores even-

# amanho

Margarete Azevedo

tos de humor da América Latina, realizado em São Paulo. No ano passado, ocorreu o primeiro campeonato nacional de *stand-up*, do qual eu participei e fui vice-campeão nacional. Alguns produtores da Editora Matriz me viram e gostaram da minha apresentação, da forma do meu texto e me propuseram escrever um livro de humor sobre anão.

## **Quanto tempo levou para escrevê-lo? Todo conteúdo é verídico?**

Demorei cerca de quatro meses (risos...), nem tudo é verídico. Algumas histórias têm certo fundo de verdade, mas foram "floreadas" para ficarem mais cômicas ou mesmo para render mais assunto. Exemplo concreto é a aventura na banheira do motel. Eu tenho trauma de banheiras de hidromassagem. Elas não foram feitas para anões. Conto que para essas aventuras aquáticas sempre levo duas mulheres; há um pouquinho de imaginação.

## **Você pode citar algo que ocorreu?**

Certa vez, viajei com um colega de trabalho para Porto de Galinhas. Fui fazer um passeio onde era possível nadar junto com os peixes. Estava encantado com a beleza do lugar, com a proximidade dos peixes. Estava nadando e eles (os peixes) começaram a pular em cima de mim. Quando me librei do "ataque", vi que era meu amigo jogando ração de peixe em cima de mim. Essa é uma história real.

## **A exemplo do portador de necessidades especiais ou do idoso, há impedimentos por causa da falta de adequação?**

Eu não sinto dificuldade nenhuma. Falando em adequação, hoje em dia, ainda não tem um caixa de banco 24 horas que eu alcance. Tenho que pedir ajuda a alguém

*"É preciso ter um trabalho consistente para permanecer em atividade"*



foto Paulo Roberto Lopes

ou ir ao gerente para sacar dinheiro. Mas isso não é uma dificuldade real que me impeça de fazer o que quero. Por exemplo, eu tenho carro adaptado, dirijo. Além de atuar no teatro, sou funcionário público.

**Qual a sua formação? Conte-nos um pouco sobre a sua vida profissional.**

Na verdade, a minha vida profissional não é só o lado do espetáculo, do humor. Sou bacharel em Ciência da Computação e mestre em Engenharia de Software. Cheguei a estagiar na área de tecnologia da TV Globo. Em 2004, passei em um concurso para Analista de Tecnologia da Informação do Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro. Mas sempre estive vinculado ao ambiente artístico.

**Há outros anões na sua família?**

Minha mãe, meu pai e meus irmãos não são anões. Na minha família somente eu. Fui criado para me virar sozinho. Dificuldades todo mundo tem. É normal precisar estudar, correr atrás dos objetivos, ralar para passar em um concurso público...

**O que costuma ser mais ofensivo no relacionamento com as pessoas?**

Quando elas não têm a menor intimidade comigo e acham que só porque sou anão são amigas íntimas e vêm com brincadeiras.

**Você tem amigos anões?**

Não tenho amigo anão ou amiga anã, talvez por falta de oportunidade. Todos os meus amigos são altos, têm padrão normal de estatura. As pessoas criam umas fantasias. Por exemplo, se ele é anão, tem que conhecer todos os anões do mundo, namorar com uma anã, viver em uma sociedade dos anões, e por aí vai. Só que não há muitos anões por aí, não é mesmo? A probabilidade de eu ter um amigo anão também é baixa, como ocorre com qualquer pessoa.

**No prefácio de seu livro, Marcius Melhem destaca que ao contrário de despertar o deboche, você tende a mostrar o ridículo das pessoas "normais" ao enxergar o que é diferente. Esse foi o diferencial encontrado para chamar a atenção para o seu trabalho?**

Eu creio que sim. A minha ideia é mostrar que ser anão é apenas um detalhe, uma característica física, não é

“Fui criado para me virar sozinho. Dificuldades todo mundo tem. É normal precisar estudar, correr atrás dos objetivos, ralar para passar em um concurso público...”

um diferencial. No Brasil, geralmente o trabalho para o ator anão é sobretudo no humor voltado para a comédia pastelão. Ele é o palhacinho, o bobinho que leva a torta na cara. Essa é uma vertente de trabalho, mas o meu ideal é ser diferente disso.

**Como é pisar no palco; estar diante de uma plateia?**

Seja no teatro ou no *stand-up*, sempre sinto aquele frio na barriga, nervosismo antes de iniciar a apresentação. Começou, tudo passa.

**Você já foi alvo de alguma piada sem noção?**

O *stand-up comedy* em si, nem sempre dá abertura para as pessoas dialogarem com quem está se apresentando. Eu nunca passei por uma experiência dessa, mas o Leandro Hassum e outros colegas já passaram por essa situação e tiraram de letra.

**A pessoa quer ser mais engraçada do que o artista?**

Exatamente, mas em geral se dá mal porque o ator, o humorista, está com todo pique, com a cabeça “aquecida” e revida na hora. O engraçadinho acaba ficando mais sem graça do que se tivesse ficado quieto. 